



## “Brasil Memória das Artes”, um portal de cultura e memória brasileira<sup>1</sup>

Susana Azevedo REIS<sup>2</sup>  
Christina Ferraz MUSSE<sup>3</sup>  
Universidade Federal de Juiz de Fora

### RESUMO

Baseando-se em autores como Andreas Huyssen, Michael Pollak e Lúcia Santaella, este artigo tem como objetivo analisar a produção de sentido e a resignificação da memória provocados pela tecnologia digital. O portal hipermediático “Brasil Memória das Artes” é um projeto da Fundação Nacional de Artes, que tem como principal objetivo contribuir na disseminação da memória cultural dos brasileiros. Utilizando-se de diversos recursos midiáticos, o espaço oferece um grande acervo de áudios, vídeos, fotografias e textos que ajudam na composição de cada tema.

**PALAVRAS-CHAVE:** Comunicação; Hiperfídia; Tecnologia; Cultura; Memória,

### 1- A Cultura e a Memória

Difícilmente conseguimos armazenar as memórias de toda uma vida. Rejeitamos muito de nossas experiências e daquilo que talvez não possua valor, e ficamos somente com o que possui significado. Entretanto, por causa da pressão a que estamos constantemente expostos, muitas vezes esquecemos também daquilo que é importante para nós, como os laços afetivos e a memória de pertencimento, àquela estabelecida entre nós e nossas lembranças em relação ao espaço local e a cultura de onde pertencemos.

Lúcia Santaella comenta que as questões culturais podem ser estudadas como um fenômeno histórico e, assim, as tradições da cultura acabam sendo transmitidas por gerações através da memória:

As tradições culturais se acumulam sem quebra de continuidade. Elementos culturais, uma vez inventados, passam de um

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ 05 – Jornalismo do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 3 a 5 de julho de 2013.

<sup>2</sup> Bolsista de extensão, estudante de graduação do 3º período de Jornalismo na Universidade Federal de Juiz de Fora. Email: [susana.reis360@gmail.com](mailto:susana.reis360@gmail.com)

<sup>3</sup> Jornalista, mestre e doutora em Comunicação e Cultura pela UFRJ. Professora da UFJF no curso de Jornalismo e no Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Coordenadora do projeto “Cidade e memória: a construção da identidade urbana pela narrativa audiovisual”. E-mail: [musse@terra.com.br](mailto:musse@terra.com.br)



indivíduo para o outro através do aprendizado. (SANTAELLA, 2003, p. 46)

Para compreender esses estudos culturais e pós-coloniais atualmente, nossa sociedade e, principalmente os estudiosos, estão cada vez mais focados na memória. Essa memória busca compreender o passado em função do futuro para assim ressignificá-lo. A sociedade contemporânea está preocupada constantemente em seu resgate e, pesquisadores de todos os âmbitos: História, Comunicação, Ciências Sociais estão em busca de acervos, de representações da memória para integrar o cotidiano.

Mas como arquitetamos essa memória? Aonde a buscamos para que ela realmente nos forneça significado? Primeiramente, para responder a estas perguntas, deveríamos pensar no significado de memória, conceituado por Lucilia Delgado:

Os conceitos e significados da memora são vários, visto que a memória, não sendo um simples ato de recordar, revela os fundamentos da existência, fazendo com que experiência de vida integre-se ao presente, oferecendo-lhe significado e evitando, dessa forma, que a humanidade se perca no presente contínuo, caracterizado por não possuir raízes e lastros. Presentes muitas vezes caracterizado pela ausência de conteúdo identitário. (DELGADO, 2006, p.60)

Andreas Huyssen afirma que o medo do esquecimento acaba intensificando a busca por vestígios da memória, e esta se constitui como imaginada, e não como vivida. A memória estabelece-se assim como fotografias, objetos, a memória oral, que necessitamos ver e ouvir para termos um lugar à que pertencer.

É o medo do esquecimento que dispara o desejo de lembrar ou ao contrário? É possível que o excesso de memória nessa cultura saturada de mídia crie uma sobrecarga que o próprio sistema de memórias fique em perigo constante de implosão, disparando, portanto o medo do esquecimento. (HUYSSSEN, 2000, p.19)

A busca por uma identidade regional e cultural, pelo sentimento de pertencimento e o desejo de voltar ao passado também são outros pontos apresentados por Huyssen que justificam a procura por memória. Segundo ele, os acontecimentos passados reforçam ou limitam as práticas de memória e lutas locais (HUYSSSEN, 2000, p.17). O autor alega que certos fatos do passado e a prática da memória estabelecida na maioria das vezes por líderes, de territórios específicos e locais, acabam influenciando principalmente o presente e o futuro do lugar. Ele utiliza a Alemanha e sua relação com as 2º Guerra Mundial para exemplificar tal afirmação.



A memória contribui para que não percamos as referências na construção de nossa identidade coletiva, mesmo estas estando sempre em curso, como comenta Boaventura Santos (1994). O homem necessita encontrar a memória para conseguir se encontrar, buscando ao mesmo tempo a identidade individual e coletiva. Lucilia Delgado comenta:

A memória é base construtora de identidade e solidificadora de consciências individuais e coletivas. É elemento constitutivo de autorreconhecimento como pessoa e/ou como membro de uma comunidade pública, como uma nação, ou privada, como uma família. A memória é inseparável da vivência da temporalidade, do fluir do tempo e do entrecruzamento de tempo múltiplos. A memória atualiza o tempo passado, tornando-se tempo vivo e pleno de significados no presente. (DELGADO, 2006, p.38)

Segundo Michael Pollak, se não podemos ter a memória testemunhada, buscamos os rastros da memória: em bibliotecas, museus, objetos arqueológicos, para, assim, nos enquadrarmos como seres humanos que possuem história e um lugar de pertencimento.

A memória é assim guardada e solidificada nas pedras: as pirâmides, os vestígios arqueológicos, as catedrais da Idade Média, os grandes teatros, as óperas da época burguesa do século XIX e, atualmente, os edifícios dos grandes bancos. Quando vemos esses pontos de referência de uma época longínqua, frequentemente os integramos em nossos próprios sentimentos de filiação e de origem, de modo que certos elementos são progressivamente integrados num fundo cultural comum a toda a humanidade. (POLLAK, 1989, p. 10)

Dessa maneira, Pollak acaba discutindo sobre como os lugares e os pontos de referência de um determinado lugar acabam colaborando para o sentimento de pertencimento local, assim como certas referências de memória, ganham significado mundial.

A memória de cada um acaba sendo estabelecida através de acontecimentos vividos pessoalmente, denominada de memorial individual, e dos acontecimentos do grupo ou pela coletividade, chamada de memória coletiva (POLLAK, 1992). Michael Pollak comenta, ainda, que a memória pode ser constituída de pessoas e personagens:

Além desses acontecimentos, a memória é constituída por pessoas, personagens. Aqui também podemos aplicar o mesmo esquema, falar de personagens realmente encontrados no decorrer da vida, de personagens encontrados por tabela, indiretamente, mas por assim dizer, se transformam quase que em conhecidas, e ainda de personagens que não pertenceram necessariamente ao espaço tempo da pessoa. (POLLAK, 1992, p. 11)



Deste modo, a memória de cada um acaba sendo formadas de diversas maneiras, pelas mais variadas vivências, por pessoas e lugares.

## 2- A hipermídia como o novo veículo difusor da memória

Com o avanço das tecnologias e a modernização de máquinas e equipamentos, percebemos que os novos espaços modernos de comunicação estão oferecendo cada vez mais ambientes propícios à exposição, produção, armazenamento e visualização de materiais culturais e de memória. O novo sistema de comunicação, denominado hipermídia, é um dos grandes incentivadores dessa multiplicidade de ações na qual o objetivo é a disseminação dessa cultura de memória, afinal o veículo possui uma dinâmica mais eficaz em favor do receptor. Segundo Fernanda Faria Paulino:

[...] a hipermídia tem a capacidade de representação através das imagens fixas e dinâmicas, dos sons e da palavra escrita, esta nova linguagem (áudio-scripto-visual) assume-se claramente como um produto de criação tanto verbal como não verbal, representando simultaneamente um conjunto de Narrativas que partem de uma pluralidade de vozes. Caberá ao leitor a escolha de um caminho, a construção de uma narrativa. (PAULINO, 2007, p. 166)

Sérgio Bairon ainda reforça que a “hipermídia pode ser entendida com uma expressão a linguagem científica, que foi potencializada pelo surgimento e pela ampliação conceitual da comunicação digital.” (BAIRON, 2007, p.47)

A nova sociedade da informação que acessa essa mídia digital está em busca de praticidade e rapidez no acesso as informações. A busca pela memória surge como um dos tópicos também procurados e discutidos no ambiente virtual, já que, o presente, o passado, os estudos culturais e de memória estão cada vez mais se destacando atualmente.

A procura da cultura e de memória através da hipermídia foi se intensificado, assim como os emissores de informação nesse campo. Com diversos recursos para exposições de ideias e o resgate da cultura, as mídias digitais se tornaram um meio fácil e prático para que pesquisadores e também cidadãos em busca da memória, tivessem acesso a um conteúdo digitalizado, nítido e de qualidade. Ficou mais prático encontrar imagens e conteúdo em *websites* e *blogs* especializados, do que se deslocar a museus e bibliotecas, como comenta Luena Mitié Takada Barros:



A multiplicidade de mídias, mensagens e fontes acelerou o tráfego, as trocas e misturas entre as múltiplas formas, estratos, tempos e espaços da cultura, inaugurou o poder de escolha entre os produtos simbólicos e preparou o público, mais atuante, para o consumo individualizado e seletivo.

A partir dos anos 1990, a expansão da web começou a mudar as formas de comunicar com a revolução digital. Com a invenção de Tim Berners-Lee<sup>2</sup>, o mundo passou a construir e ter acesso a um enorme banco de dados digital, onde era possível converter toda a informação (texto, som, imagem e vídeo) em uma linguagem universal, os bits. (BARROS, 2001, p.19)

A tecnologia possibilitou que arquivos, imagens, documentos fossem transportadas para as mídias digitais através da digitalização. Possuindo o equipamento necessário, ficou fácil para todos os usuários arquivar um documento no sistema mundial de computadores e disseminar a própria memória, como comenta Barros:

O registro digital de informações, em seus mais variados formatos, por intermédio de recursos computacionais apropriados, é conhecido como processo de digitalização. Assim, a digitalização permite a visualização local e mundial de um patrimônio, e, de modo especial, seu usufruto comum. Os mais diversos patrimônios nacionais e locais latino-americanos, por exemplo.

Este procedimento democratiza, ou melhor, aproxima os acervos patrimoniais desses países para com seus próprios cidadãos, para seu conhecimento e uso, para o cuidado com a sua memória histórica. (BARROS, 2001, p. 19)

A digitalização estabeleceu-se como um meio pelo qual a disseminação da memória tornou-se ainda mais acessível a todos. Além disso, a hipermídia possibilita o que Henry Jenkins denominou de “cultura participatória” (JENKINS, 2008). Não somos mais consumidores passivos do material midiático, ou meros receptores de mensagens geradas pela indústria de comunicação. Somos agora agentes criativos que ajudam a definir como o conteúdo midiático deve ser usado e, em alguns casos, como produzir nosso próprio conteúdo para disseminação de material. “A convergência midiática tende a expandir essa possibilidade de participação porque permite maior acesso a produção e circulação da cultura.” (NAVARRO, 2010, p. 11)

Segundo dados do jornal O Globo, cerca de 126 bilhões de imagens são compartilhadas na internet por ano, principalmente nas redes sociais. Todo dia, 3000 milhões de imagens são postadas na rede social *Facebook*, 40 milhões de fotos são adicionadas à rede social *Instagram* e no site *Flickr*, 518 milhões de imagens foram



publicadas só em 2012. Esses dados demonstram o quanto à interação entre mídia e indivíduo está crescendo.

A linguagem hipermidiática é a síntese das matrizes da linguagem e pensamento sonoro, visual e verbal com todos os seus desdobramentos e misturas possíveis (SANTAELLA, 2001). Textos, imagens e vídeos se combinam para o mesmo fim, a transmissão do conteúdo. Essa linguagem hipermediática é chamada de híbrida por Lucia Santaella, pois é um conjunto de várias formas de transmissão de conteúdo que se unem para complementar um ao outro. Temos o vídeo, a imagem e o sonoro em um mesmo local:

Na hipermídia, fotos desenhos, gráficos, sinais de trânsito interno, formas de multi-luz-cor, texturas, sombras e luzes lá estão para orquestrar sentidos. Palavra, texto, imagens fixas e animadas podem intercambiar funções na trama de um tecido em comum. Como isso não bastasse, a hipermídia pode importar sons, vozes, música, ruídos e vídeos. (SANTAELLA, 2001, p. 392)

A hipermídia foi revolucionária. Ela permitiu que o desenho, a pintura, os vídeos, o filme em película química, o som fossem digitalizados e transpostos para páginas de websites da internet, para mídia digital.

Mas será que existe o perigo da extinção da memória física? O autor Jean-Claude Gardin questiona se este seria o dos arquivos físicos de memória:

(...) As mais visíveis são as inovações tecnológicas: todos nós temos consciência das projeções dos cientistas da informação, que predizem o fim dos documentos impressos e bibliotecas, consideradas caminhos anacrônicos de comunicação, em benefício do sistema de processos de informação de conhecimento (KIPS), sob esta designação ou outra, fornecendo formas mais eficientes e custos mais baixos ao acesso ao conhecimento especializado. (GARDIN, 1992, p. 100)

Ainda refletindo sobre os perigos da digitalização de arquivos, podemos questionar se realmente é seguro o armazenamento da memória em gravações e registro de dados eletrônico. Huyssen analisa se há segurança no armazenamento de arquivos na era tecnológica em que vivemos:

Refletindo sobre este problema, um gerente sênior de tecnologia da informação dos arquivos canadenses teria dito recentemente: 'É uma das maiores ironias da idade da informação. Se não encontramos métodos de preservação duradoura das gravações eletrônicas, esta poderá ser a era sem memória.' De fato, a ameaça do esquecimento emerge da própria tecnologia à qual confiamos o vasto corpo de



registros eletrônicos de dados, esta parte mais significativa da memória cultural de nosso tempo. (HUYSEN, 2000, p.33)

Mesmo com toda tecnologia proporcionada pela nova mídia digital, ainda é essencial que os interessados na arte se dirijam aos espaços físicos guardados para a disseminação desta. Deve existir tanto o espaço de memória online, quanto o espaço físico.

### **3- A digitalização nas Instituições Brasileiras de Memória**

A digitalização de acervos de memória é um crescente movimento no Brasil. Cada vez mais estão sendo disponibilizados em *websites* oficiais de museus e bibliotecas brasileiras, arquivos que fazem parte do acervo oficial das instituições, mas que ao serem digitalizados, contribuem para facilitar o acesso de mais pessoas ao material. A Biblioteca Nacional, o Instituto Antônio Carlos Jobim, o Museu Nacional e a Funarte, são algumas dos muitos órgãos de cultura que já aderiram a essa nova forma de disseminação de memória, sejam digitalizando livros, documentos oficiais, fotografias, entrevistas ou vídeos.

Com o aumento da digitalização desses acervos, surgiram órgãos para contribuir na organização e manutenção dos portais de memória. A Rede Memória, por exemplo, é a rede nacional das instituições comprometidas com políticas de digitalização dos acervos memoriais do Brasil. Ela foi criada em 2011, na cidade de Recife, quando vários representantes de instituições públicas e privadas, decidiram discutir sobre caminhos práticos no processo de valorização da cultura nacional. Hoje, são 31 instituições que fazem parte da rede. Porém, percebemos pouco movimento desse órgão, já que sua última atualização em seu *website* oficial é de julho de 2012.

Já o Conselho Nacional de Arquivos (Conarq) é um órgão ativo nas discussões sobre arquivos públicos privados. O Conarq tem como finalidade principal:

[...]definir a política nacional de arquivos públicos e privados, como órgão central de um Sistema Nacional de Arquivos, bem como exercer orientação normativa visando à gestão documental e à proteção especial aos documentos de arquivo.  
(<http://www.conarq.arquivonacional.gov.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm>, O CONARQ)





Entretanto, ela também oferece variado material de apoio quando se trata de arquivos digitalizados. O Conarq possui mais de 20 livros disponíveis on-line que orientam o arquivamento digital, entre eles, a "Carta para a Preservação do Patrimônio Arquivístico Digital", que oferece visões diferentes da digitalização de arquivos, e o "Modelo de Requisitos para Sistemas Informatizados de Gestão Arquivística de Documentos - e-ARQ Brasil", um importante guia de organização de arquivos digitalizados.

Inúmeros portais, *websites* e blogs que tratam de memória, já estão on-line com diversos materiais sobre a memória nacional. Entre eles, o portal “Brasil Memória das Artes”, que disponibiliza ricos acervos digitais da memória e cultura brasileira.

#### **4- O portal “Brasil Memória das Artes”**

As inovações tecnológicas do mundo atual permitem a propagação da memória de um modo mais utilitário e simplificado. O portal “Brasil Memória das Artes” é um dos muitos exemplos de *websites* que difundem a memória brasileira. Para aqueles apreciadores de arte que não possuem tempo de ir a galerias, museus e de buscar essas informações culturais e de memória nas mídias tradicionais, o *website* oferece a informação cultural gratuitamente, de forma a contribuir na disseminação da cultura brasileira.

O projeto “Brasil Memória das Artes” foi desenvolvido pela Fundação Nacional das Artes (FUNARTE) em 2006. O projeto tem como objetivo digitalizar e disponibilizar ao público um grande acervo de fotos, arquivos sonoros, textos e documentos que compõe o acervo oficial da Funarte. Essa vasta coleção caracteriza-se por possui um grande conteúdo de memória das artes cênicas, da música e das artes plásticas brasileiras. Em 2009, o projeto se desenvolveu e aperfeiçoou a forma de acesso aos conteúdos da instituição criando o “Portal das Artes” e, mais tarde, em 2010, a área “Brasil Memória das Artes”, um espaço para difundir a memória nacional brasileira através da hipermídia. Este espaço é continuamente atualizado com conteúdo de qualidade e seu principal objetivo é criar novos discursos de memória, como o texto de apresentação do website comenta:

[...] a ambição deste espaço não é apenas deixar acessível todo o acervo digitalizado, mas articulá-lo, contextualizá-lo, fazer o passado conversar com o presente, rastrear o que se produziu antes e trazer à tona com o olhar de agora, transformando esse





diálogo num exercício constante que nos fará a todos mais conscientes de nossa própria memória cultural. (<http://www.funarte.gov.br/brasilmemoriadasartes/acervo/o-projeto>, BRASIL, UM PAÍS DE MEMÓRIA)

Os acervos que compõem o *website* são formados por temas como teatro, fotografia, dramaturgia e música. O material apresentado foi acumulado pela Funarte durante anos e, segundo representantes do *website*, nele são expostos alguns dos maiores artistas do Brasil. O conteúdo proporcionado é rico em detalhes, sendo apresentados ao público entrevistas, perfis, biografias de personagens que fizeram, e ainda fazem parte da história e da memória da cultura brasileira, através de textos, vídeos<sup>4</sup>, áudios e imagens.

O portal “Brasil Memória das Artes” é composto em sua totalidade por 14 acervos:

- *Atores do Brasil* é o acervo formado por 351 imagens, 23 textos, 2 “videodocumentos” e 26 áudios. Este acervo tem como objetivo disponibilizar as biografias de certos atores brasileiros, bem como suas trajetórias de vida;

- O acervo *Augusto Boal* é dedicado a este diretor e dramaturgo que é reconhecido internacionalmente pela criação do “Teatro do Oprimido”. Ele é composto de 14 imagens, 1 videodocumento em sua homenagem, 4 textos e 1 videodocumento;

- *Cenário e Figurino* é composto por diversos desenhos e croquis de cenário e figurino de diversas peças teatrais. O acervo é composto por 183 imagens, 9 textos, 1 videodocumento e 8 áudios no acervo, entre entrevistas e depoimentos;

- O acervo *Discos Pro-Memus* é composto por 165 imagens, 28 textos e 337 áudios musicais. Este projeto nomeado de Memória Musical Brasileira, Pro-Memus, foi vinculado ao Instituto Nacional de Música e integrado ao Centro de Documentação e pesquisa da Funarte, e tem como objetivo documentar e divulgar a criação musical brasileira;

- *Discos Projeto Almirante* é composto por 20 discos de cantores e compositores que, segundo o portal, mereciam mais destaque no cenário musical brasileiro. O acervo homenageia o radialista Henrique Foreis Domingues, mais conhecido como Almirante, e é composto por 189 imagens, 3 videodocumentos, 216 áudios e 22 textos;

---

<sup>4</sup> Os vídeos são denominados pelo site de “videodocumento”



- *Família Vianna* é um acervo composto por 10 textos e 25 imagens, que nos apresenta Oduvaldo Vianna, sua mulher Deocélia e o filho Vianninha, que dedicaram suas vidas ao teatro;

- *Foto Carlos* apresenta o trabalho de Carlos Moskovics, fotógrafo do meio teatral que acompanhou o teatro brasileiro do ano 1940 a 1970. É formado por 11 textos, 126 imagens, 1 videodocumento e 3 áudios;

- João Angelo Labanca foi um artista e pesquisador importante na história das artes no Brasil. O acervo *Labanca*, começou com a doação do próprio artista e possui hoje 18 imagens e 2 textos;

- *Nelson Rodrigues* é um acervo que apresenta obras do dramaturgo e a história do dramaturgo. É composto por 8 textos, 68 imagens e 4 videodocumentos;

- *Paschoal Carlos Magno* é o acervo que retrata a trajetória deste artista e militante estudantil. É formado por 5 textos e 73 imagens,

- *O Projeto Pixinguinha* iniciou-se em 1977 e com espetáculos de música acessíveis às camadas populares. O acervo on-line de mesmo nome, *Projeto Pixinguinha*, reúne todos os arquivos que compuseram o projeto durante sua existência. É formado por 62 textos, 301 imagens, 34 videodocumento e 783 áudios;

- *Sala Funarte* é o acervo que disponibiliza a trajetória da Sala Funarte Sidney Miller. É composto por 44 textos, 154 imagens, 1 videodocumento e 869 áudios;

- *Série Depoimentos* é a reunião de depoimentos, realizados nos anos 70 pela Funarte, o Ministério da Educação e Cultura e o Serviço Nacional de Teatro, de indivíduos importantes na história do teatro nacional. O acervo é composto por 6 textos, 47 imagens, 1 videodocumento, 16 áudios

- Acervo *Walter Pinto* disponibiliza através de 9 textos, 70 imagens, 4 videodocumentos, uma parte do trabalho produtor e autor dos maiores espetáculos do Teatro de Revista brasileiro.

Observando o portal “Brasil Memória das Artes”, verificamos que a Música e o Teatro são os temas mais abordados. A música está presente como foco em 4 acervos. A *Sala Funarte* possui o maior número de áudios da totalidade de acervos, são 869 músicas que foram apresentadas por diversos artistas quando a Sala Funarte Sidney Miller funcionava no Museu Nacional de Belas Artes. Os textos dos acervos de música focam em comentários de apresentações de artista, CDs e entrevistas com músicos e críticos. Os poucos videodocumentos expõe algumas audições e depoimentos de



músicos. As imagens são em sua maioria fotografias de encartes de discos, letras de música, e fotografias de personagens que contribuíram na formação da música nacional.

Já o tema Teatro possui a maior quantidade de imagens. *Atores do Brasil*, por exemplo, 351. São fotografias de atores, apresentações, recortes de jornal. Já os áudios, videodocumentos e textos são formados a partir de uma abordagem que mesclou vários elementos jornalísticos: entrevistas, biografias e perfis.

Os organizadores do portal informaram que ele possui cerca de 200 acessos diários. Um número pequeno, que pode ser levado em consideração ao analisarmos os comentários que o portal recebe. *Feedbacks* sobre as postagens, positivos e negativos, impressões sobre o material, opiniões sobre os atores, ocorrem no *website*, mas não de maneira constante e diária. No acervo *Atores do Brasil*, por exemplo, dos 23 textos, apenas 12 são comentados. Para a quantidade de informação e conteúdo que o portal dispõe, ainda é insuficiente a quantidade de comentários e acessos que ele apresenta.

## 5- Considerações finais

A difusão da memória, de um indivíduo para o outro, já ocorreu de diversas formas. A memória já foi transmitida de geração para geração pela oralidade, através de mitos, parábolas e ensinamentos, da palavra escrita, do audiovisual e agora, a hipermídia também exige seu espaço para propagar a memória.

O projeto “Brasil Memória das Artes” é um exemplo dessa nova forma de transmissão da memória e da cultura. A memória que antes só encontrávamos em bibliotecas e museus, em livros biográficos, vídeos de depoimentos e fotografias, localizamos hoje na hipermídia, onde tudo se mistura para o desenvolvimento de um maior número de informações. Podemos exemplificar essa grande diversidade de mídias no portal ao destacar o espaço que ele oferece a atriz “Maria Pompeu”. Uma biografia escrita, um videodocumento e 13 imagens de suas atuações formam o perfil da atriz. São referências da memória individual da personagem e da memória coletiva que aflora ao revivermos sua história no teatro.

O portal também possui um *layout* leve e fácil de ser compreendido. Todos os aspectos visuais e organizacionais dos acervos possuem uma dinâmica que contribui para a inclusão dos indivíduos que os acessam.

Como espaço de memória cultural, o portal expõe muito conteúdo para reabastecer a memória do interessado, mas esta memória se repete em apenas um círculo de pessoas que possuem o mesmo engajamento cultural. Percebemos que a



maioria das personalidades que estão presentes no portal são pouco conhecidas pela mídia de massa. O acervo precisaria se expandir e procurar personagens que são distinguidos não só no circuito teatral e musical, mas também na televisão e nas artes plásticas no Brasil, enriquecendo seu acervo com mais personagens conhecidos. Assim, o acesso ao acervo on-line poderia crescer, bem como o número de pessoas que compartilhariam informações, opiniões e lembranças acerca deste.

## 6- Referências Bibliográficas

BAIRON, Sérgio. A linguagem hipermediática como produção de conhecimento: relações interdisciplinares. In. José RIBEIRO, Sérgio BAIRON (Org.). **Antropologia Visual e Hipermedia**. Porto: Afrontamento. 2007

BARROS, Luena Mitié Takada. **A memória no ciberespaço: Usos de mídias locativas para a valorização de memórias sobre o Museu Paraense Emílio Goeldi, em Belém-PA**, Faculdade de Comunicação Universidade Federal do Pará, 2001 – UFPA, disponível em <[www.labcom.ubi.pt](http://www.labcom.ubi.pt)> Acesso em: 03 de abril de 2013

O CONARQUE, **CONARQ - Conselho Nacional de Arquivos**. Disponível em: <<http://www.conarq.arquivonacional.gov.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm>>. Acesso em 15 de maio de 2013

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História Oral: memória, tempo e identidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GARDIN, Jean-Claude. **Semiotic Trends in Archaeology**. In. Representations in Archaeology, Bloomington/ Indianapolis. University of Indiana, 1992, p. 87-104.

BRASIL, UM PAÍS DE MEMÓRIA. **FUNARTE - Fundação Nacional das Artes**. Disponível em: <<http://www.funarte.gov.br/brasilmemoriadasartes/acervo/o-projeto>> . Acesso em: 10 de maio de 2013

HUYSSSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2008

MACHADO, André. Por ano, 125 bilhões de imagens são compartilhadas na rede, **O Globo**, Rio de Janeiro, 05 de maio 2013. Disponível em: < <http://oglobo.globo.com/tecnologia/por-ano-125-bilhoes-de-imagens-sao-compartilhadas-na-rede-8301345>>. Acesso em: 14 de maio de 2013

NAVARRO, Vinicius. **Os sentidos da convergência: Entrevista com Henry Jenkins**. Revista Contracampo- Niterói, nº21, agosto de 2010. Semestral

PAULINO, Fernanda Faria. Dos documentos de terreno ao **hipermídia** In. José RIBEIRO, Sérgio BAIRON (Org.), **Antropologia Visual e Hipermedia**, Porto: Afrontamento, 2007

POLLAK, Michael. **Memória, silêncio e esquecimento** In: Estudos Históricas. Rio de Janeiro, vol.2, n.3, 1989



POLLAK, Michael. **Memória e identidade social** In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol.5, n.10, 1992

RABELLO, Rafaella Prata; MUSSE, Christina Ferraz. **Maria do Resguardo: o blog como lugar da memória de Juiz de Fora.** IN ENCONTRO NACIONAL DA ULEPICC-BRASIL, 4, 2012 – Rio de Janeiro, RJ

SANTAELLA, Lúcia. **Culturas e artes do pós-humano.** São Paulo: Paulus, 2003.

SOBRE, **Rede Memória.** Disponível em:< <http://redememorial.org.br>> . Acesso em : 15 de maio de 2013